

Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia

CAROLINE MARTINS DE MELO BOTTINO

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
caroline_bmelo@yahoo.com.br

EVA SCHELIGA

Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Paraná, Brasil
evaschelig@yahoo.com.br

RENATA DE CASTRO MENEZES

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Brasil
renata.menezes@mn.ufrj.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp289-301

resumo Neste artigo, com foco em experimentos etnográficos relacionados à religião em tempos de COVID-19, compartilhamos reflexões preliminares sobre arranjos e conciliações que produzem a religião vivida. Foram dois os contextos de obtenção do material apresentado: de um lado, as redes sociais e aplicativos de mensagens, recursos previamente utilizados em pesquisas etnográficas realizadas em Curitiba e no Rio de Janeiro, e, de outro, as varandas em um condomínio no subúrbio carioca. Em comum aos campos de pesquisa das três autoras destaca-se a multiplicação de práticas e a intensificação de celebrações religiosas durante a pandemia. Os experimentos demonstram, assim, possibilidades de continuidade das pesquisas antropológicas na pandemia e evidenciam que a religião próxima ao cotidiano, além de fornecer imagens e metáforas para as advertências quanto aos potenciais riscos à saúde causadas pela COVID-19, também tem sido frequentemente mobilizada a favor da organização da experiência coletiva de quarentena, regulando horários, ativando redes de solidariedade, evocando lembranças sobre as comunidades de fé, criando licenças para escapar da rigidez do isolamento e buscando estabelecer uma ética em nome do bem comum.

palavras-chave Religião. COVID-19. Brasil. Redes Sociais. Espaços Domésticos.

Ethnographic experiments on networks and balconies: religion in pandemic times

abstract Focusing on ethnographic experiments related to religion in COVID-19 times, the article shares preliminary reflections on the arrangements and reconciliations that produce the lived religion. There were two contexts for obtaining the material presented: on the one hand, social networking and messaging platforms, both resources previously used in ethnographic research carried out in Curitiba and Rio de Janeiro. On the other, the balconies in a condominium in the Rio de Janeiro suburbs. The research fields of the three authors have in common the multiplication of practices and the intensification of religious celebrations during the pandemic stay-at-home requirements. The experiments thus demonstrate possibilities for continuing anthropological research during the pandemic closures. They also show that lived religion, in addition to providing images and metaphors for warnings about potential health risks caused by COVID-19, has also been frequently mobilized in favor of organizing the collective experience of quarantine, regulating schedules, activating solidarity networks, evoking memories of faith communities, creating licenses to escape the rigidity of isolation and seeking to establish ethics parameters in the name of the common good.

keywords Religion. COVID-19. Brazil. Social networking. Domestic Spaces.

Experimentaciones etnográficas en redes y balcones: la religión en tiempos de pandemia

resumen Basado en los experimentos etnográficos relacionados con la religión en los tiempos del COVID-19, en este artículo compartimos reflexiones preliminares sobre los arreglos y conciliaciones que producen la religión vivida. Hubo dos contextos en los que se obtuvo el material presentado: por un lado, las redes sociales y las aplicaciones de los mensajes, recursos utilizados anteriormente en las investigaciones etnográficas realizadas en Curitiba y Río de Janeiro, y por otro, los balcones de un condominio en los suburbios de Río de Janeiro. En común con los campos de investigación de las tres autoras, el artículo destaca la multiplicación de las prácticas y la intensificación de las celebraciones religiosas durante la pandemia. Así pues, los experimentos demuestran las posibilidades de continuidad de la investigación antropológica en la pandemia y muestran que la religión cercana a la vida cotidiana, además de proporcionar imágenes y metáforas de advertencias sobre los posibles riesgos para la salud causados por el COVID-19, también se ha movilizó a menudo en favor de la organización de la experiencia colectiva de la cuarentena, la regulación de los horarios, la activación de redes de solidaridad, la evocación de los recuerdos de las comunidades de fe, la creación de licencias para escapar de la rigidez del aislamiento y el intento de establecer una ética en nombre del bien común.

palabras clave Religión. COVID-19. Brasil. Redes sociales. Espacios domésticos.

Introdução: COVID-19 e inflexões em pesquisas em andamento

Desde que Malinowski alertou-nos sobre a importância dos imponderáveis da vida real no trabalho de campo, eventos imprevistos tornaram-se relevantes na análise antropológica, dado seu caráter revelador sobre modos de existência e valores *em ação* (MALINOWSKI, 1998 [1922]). Cerca de cem anos depois, durante a pandemia da COVID-19, a máxima parece manter-se, mesmo que seu alerta metodológico não nos tenha preparado para imponderáveis da magnitude dos atuais.

Diante deste quadro, gostaríamos, neste artigo, de compartilhar algumas notas etnográficas a respeito das interpelações que a COVID-19 tem provocado em redes e grupos com os quais nos encontramos em relação, devido a pesquisas em andamento no campo de estudos da religião e em áreas conexas. As pessoas religiosas e os que pesquisam com/sobre elas estão tendo que lidar com uma espécie de quase-paradoxo. Por um lado, uma crise sanitária cuja escala não encontra paralelo em termos das experiências biográficas, que traz à baila sentimentos de medo, impotência e finitude, assuntos habitualmente associados aos domínios da religiosidade, espiritualidade e práticas religiosas. Por outro, a necessidade do maior isolamento físico possível como meio de adiamento da contaminação suspende a possibilidade de agrupamento daqueles que comungam desses valores. Isso tudo num país que se apresenta e representa como cultural, social e historicamente marcado por um forte componente religioso, que seria mesmo constitutivo da sua vida social. Assim, passamos a nos perguntar sobre as mobilizações religiosas provocadas no contexto do "novo normal".

A abordagem adotada em nossas pesquisas envolve um estilo de tratamento do religioso voltado à compreensão de princípios em ação, de arranjos e conciliações, não apenas focalizando os discursos prescritivos ou os modelos de como ele deveria acontecer. Preocupadas, portanto, com o religioso fazendo-se e refazendo-se, aproximamo-nos do cotidiano, da religião vivida - a "*religion en train de se faire*" (PIETTE, 1999), ou a "*lived religion*" (ORSI, 2002) - o que nos leva a trabalhar na escala das interações, na tentativa de recomposição das categorias e lógicas a partir das quais nossos interlocutores e interlocutoras habitam o mundo.

Operar nessa perspectiva tem nos permitido relativizar algumas das formulações presentes na grande imprensa nos últimos meses, em que religião e COVID-19 surgiram associadas. Como explorado em outro artigo (MENEZES; REIS, 2020), a mídia tem ressaltado o papel fundamental das lideranças religiosas – e não apenas evangélicas – no apoio ao Governo Bolsonaro, muitas vezes em oposição às medidas de prevenção defendidas pela OMS. Nesse apoio, diversos grupos religiosos têm demonstrado habilidade em jogar com a ambivalência dos rituais de seu repertório "clássico", como jejuns e orações, explorando sua eficácia na defesa de seus próprios interesses. As ações desses grupos, amplificadas pelas adversidades do momento presente, têm mantido o foco na interseção da religião com o crescimento da direita no país, e nas motivações políticas e econômicas que estariam impulsionando as demandas dos religiosos. Por exemplo, quando da ordem de

fechamento dos estabelecimentos comerciais e de ensino para garantia do isolamento social, configurou-se um amplo debate quanto à possibilidade de os templos permanecerem abertos, por serem "de utilidade pública". Aqueles favoráveis ao fechamento dos templos atribuíam a interesses econômicos as verdadeiras motivações por trás da defesa de sua abertura.

Dada a gravidade da situação e a dificuldade de conseguir a adesão total da população ao isolamento, o tom de denúncia à religião é compreensível, principalmente porque há, realmente, superposição ou combinação de vários interesses aos religiosos. Porém, o tratamento monolítico ou maniqueísta revela-se excessivamente redutor, tanto diante do que nos chega pela experiência etnográfica, como por formulações consagradas da literatura antropológica. Pois, como Clifford Geertz (2001) tão bem sintetizou, a religião pode ser "experiência, sentido, identidade e poder", isto é, ela é desdobrável em dimensões cognitivas, emotivas, morais, de organização social, de assistência e caridade, de mutualidade etc. Ela produz coletivos e articula redes de alto grau de capilaridade, que atingem e atendem pessoas muitas vezes inalcançáveis de outras formas. E ela é capaz de operar como uma gramática, ou uma sintaxe, ao fornecer instrumentos para a interpretação do mundo. Assim, ela pode conferir inteligibilidade em situações de crise, ajudando a ultrapassar momentos graves como os atuais, portanto, parece óbvio que as pessoas religiosas utilizem esses recursos.

Ao acompanhar as inflexões que surgiram nos grupos com os quais já pesquisávamos, a multiplicação de referências religiosas em nossa comunicação levou-nos a perceber que sua vivência religiosa estava sendo simultaneamente afetada e estimulada pela pandemia, que é o que pretendemos aqui discutir, ainda que de forma preliminar. Os dados apresentados nos chegaram de duas formas, correspondentes às seções nas quais organizamos o artigo: pela Internet, através do Whatsapp e do Facebook; pelas janelas e varandas do condomínio em que Bottino reside e realiza seu trabalho de campo. Tratam-se, portanto, como sugerido por Miller, (2000), de reconfigurações das observações em andamento a partir de uma crise, que resultaram em experimentos etnográficos em torno da religião no Brasil em tempos de COVID-19.

A religião nas redes sociais

Os aplicativos de mensagens e as redes sociais já eram utilizados para manter contato com os interlocutores. Desde 2018, como parte da pesquisa para seu doutoramento, Bottino acompanha três grupos de discussão formados pelos moradores de um condomínio no subúrbio carioca, criados no WhatsApp com objetivo de administração do convívio e agregando entre 150 e 180 moradores cada um. De igual forma, desde 2019, como parte das atividades da pesquisa *Enredamentos entre Religião e Cultura no Carnaval Carioca*, Menezes integra o grupo "Amigos do Carnaval" (nome fictício), composto por sete pessoas ligadas a uma das diretorias de uma escola de samba do Rio de Janeiro. Com tamanho e perfil bastante concentrado, em contraste com os grupos acompanhados por Bottino, o "Amigos" se diferencia ainda pelo interconhecimento e por não ter sido montado com um objetivo

específico. Como ambas já faziam uso sistemático dessa modalidade de observação em seus respectivos projetos, isso lhes permitiu perceber como a religião se tornou mais presente nos grupos após o início da pandemia. Scheliga, por sua vez, desde 2019 pesquisa católicos que atuam em Curitiba nos campos da assistência social e educação e, no contexto da pandemia, passou a monitorar de modo mais sistemático suas postagens no Facebook, observando pontos de aproximação e contraste com o material recebido pelas colegas através do aplicativo de mensagens.

A análise em profundidade do material oriundo da internet e agrupado em um banco de dados¹ demanda, obviamente, um investimento mais amplo numa etnografia digital (MILLER, 2015; HINE, 2004). Mas no escopo deste volume, gostaríamos de apresentar algumas de suas características gerais, focalizando como as grandes questões levantadas em torno do isolamento social encontraram (ou não) eco neste material, repercutindo em nossos respectivos campos de pesquisa. Se ainda não nos foi possível aprofundar a análise das interações como defendemos em nosso estilo de antropologia, ao menos nos aproximamos delas, ao acessar essas mensagens e as respostas e comentários por elas estimulados.

Ampla maioria do conteúdo catalogado está associada às religiões cristãs; neles, frequentemente Jesus Cristo, o Espírito Santo, a cruz e a oração do Pai Nosso emergem enquanto denominadores comuns de um senso religioso. Em menor volume, mas de modo significativo, encontramos material relacionado às religiões afro-brasileiras, oriundo sobretudo da rede articulada pelos "Amigos do Carnaval". Dispomos também de materiais que fazem menção explícita ao espiritismo kardecista e a religiões orientais, além daqueles que permanecem na fronteira entre religiões mais instituídas, espiritualidades difusas, a autoajuda e a Nova Era. Há ainda mensagens que combinam textos de claras conotações religiosas a imagens "neutras" (paisagens, flores, animais) e vice-versa (imagens de entidades

¹ Enquanto uma iniciativa articulada no Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado – Ludens/MN, a compilação de material foi feita diariamente entre 15 de março e 30 de junho de 2020. O maior volume proveio da troca de mensagens nos grupos privados acompanhados por Bottino, seguidos das recebidas de Menezes. Diante das características do material recebido, Menezes sugeriu agrupá-lo em um repositório, solicitando a outras colegas, com proximidade ou participação em circuitos religiosos, que reencaminhassem materiais semelhantes, para estabelecer algum tipo de comparação. Raquel dos Santos Sousa Lima, historiadora e antropóloga, colaborou com essa iniciativa. A este material somou-se o compilado por Scheliga no Facebook. Assim, materiais recebidos espontaneamente em grupos controlados somaram-se a materiais solicitados a conhecidas ou procurados em grupos e perfis aleatórios para conformar um experimento de pesquisa, um banco de dados com mais de 300 itens, a maior parte de imagens (incluindo fotografias, charges, ilustrações, memes e vídeos), além de áudios e textos. Pouco do que nos chegou pelos grupos privados do WhatsApp foi visto em perfis públicos no Facebook, e vice-versa. Circuitos específicos parecem ter se cristalizado em cada plataforma, com duas notáveis exceções: a ampla circulação de mensagens relacionadas ao Papa Francisco e a controvérsia em torno do jejum convocado pelo Presidente da República para 05/05/2020, com manifestações de apoio e contrárias ao ato. Esclarecemos, por fim, que não foi realizada uma varredura de dados das redes sociais e em grupos de WhatsApp; nosso interesse se concentrou na circulação de mensagens com conteúdo religioso nas nossas redes específicas de pesquisa e, cruzando olhares, como cada campo etnográfico lança luz sobre demais, em um esforço de análise conjunta de dados.

religiosas com frases "neutras", como bom dia, boa tarde ou boa noite), afora mensagens sem iconografia, apenas com frases escritas. Se a distribuição dessa composição parece adequada aos dados sobre religião da população no país, o fato da maioria das mensagens católicas vir do material de Scheliga, das evangélicas, de Bottino e das afro, de Menezes, reflete o perfil específico dos grupos com os quais atualmente cada uma pesquisa: Scheliga está centralizando sua pesquisa no catolicismo, o condomínio do subúrbio estudado por Bottino tem uma forte presença católica, embora os evangélicos também sejam bastante numerosos, e os Amigos do Carnaval têm uma relação "porosa" com as religiões, bastante perpassada pelas de matriz africana.

Quanto ao conteúdo, compilamos pedidos de intercessão divina, chamados à oração, convites para novenas, interpelações à caridade, divulgação de festividades religiosas, além de cumprimentos diários, mensagens de suporte emocional e registros de saudades do convívio em espaços religiosos. O compartilhamento de mensagens desse teor não é um fenômeno específico da pandemia, porém em nossos campos de pesquisa percebemos a intensificação da transposição para o meio digital de uma gama de atividades envolvendo o exercício da religiosidade, pontuando tanto o cronograma diário quanto o calendário mais extenso. Isto, por sua vez, evidencia o repertório religioso como organizador daquilo que é cotidiano e, também, do extraordinário. Identificamos ainda uma série de formulações que tangenciam temas clássicos da Antropologia da Religião: as devoções e o cultos aos santos; pedidos de ajuda de entidades religiosas em temas como saúde, doença, contágio e cura; referências a formas de comensalidade religiosa; nexos entre religião, ciência e outros regimes de conhecimento; interfaces entre poder, política, religião e laicidade. Nos limites deste relato, contudo, é impossível esgotar estes temas, mas podemos sublinhar a multiplicidade de modos como as religiões são acionadas no contexto crítico.

Focalizemos agora como a questão do isolamento social reverberou em nossos campos de pesquisa. Encontramos diversas expressões que mobilizam a noção de "igreja doméstica" e que difundem a ideia de que não são as edificações públicas, mas sim as pessoas, que formam a igreja; como extensão deste pensamento, conclui-se ser necessário reconhecer e reinventar o espaço doméstico como sagrado, algo especialmente oportuno no contexto da pandemia.² Pedidos para ficar em casa também encontraram eco, de diferentes formas, nas religiões de matriz africana e espírita. (Figura 1).

A reiteração do pedido demonstra como "ficar em casa" não é algo simples: os primeiros casos de COVID-19 no Brasil começaram a ser divulgados logo após o Carnaval, isto é, justamente no período da Quaresma, um período de intensa ritualização para os cristãos. E lembremos que, para uma série de religiões, o cumprimento de rituais não é mera formalidade, pois eles são eficazes e têm implicações cosmológicas e existenciais profundas. Nas mensagens isso não passou despercebido.

² Em alguns casos, também em alinhamento às orientações papais e à nota *Em defesa da Vida*, na qual a CNBB, junto a outras entidades civis, alertou a população "que fique em casa respeitando as recomendações da ciência, dos profissionais de saúde e da experiência internacional".



Figura 1. Convites para atividades online e recomendação do isolamento. Fonte: Facebook e WhatsApp (2020).

Algumas paróquias, muito antes da quarentena, já tinham o hábito de transmitir missas on-line e as redes sociais igualmente mediavam ações como pedidos em intenção das almas; no contexto da pandemia, contudo, tais ações ganharam nova proporção no campo pesquisado por Scheliga, reproduzindo localmente um movimento mais amplo da Igreja Católica. O circuito das festas religiosas acompanhados por Menezes foi igualmente impactado. Vídeos, áudios e fotografias registrando as novas formas de comemoração da Semana Santa pela Igreja Católica - notadamente após a divulgação ao vivo da bênção Urbis et Orbis solitária do Papa Francisco, diretamente do Vaticano - circularam em nossas redes de pesquisa, indicando que cardeais, bispos e padres começaram a dar tratos à criatividade para a produção de liturgias não-presenciais.

Também circularam mensagens falando da data com humor. Em uma delas, lê-se: "Amigos cristãos, lembre-se por favor: quando Jesus estava em sua quarentena no deserto quem foi que tentou para que ele saísse? ", sendo a alusão à tentação de Cristo associável ao aumento dos clamores de alguns segmentos sociais pela reabertura de templos e do comércio. Em outra, veiculada às vésperas da Páscoa, lê-se: "Começa hoje a Semana Santa. Se você ainda não sabe ressuscitar, fiquem em casa". Memes foram igualmente utilizados para dirigir

críticas à solicitação de reabertura dos templos, como se vê na figura 2, sugerindo dissenso em torno da questão.

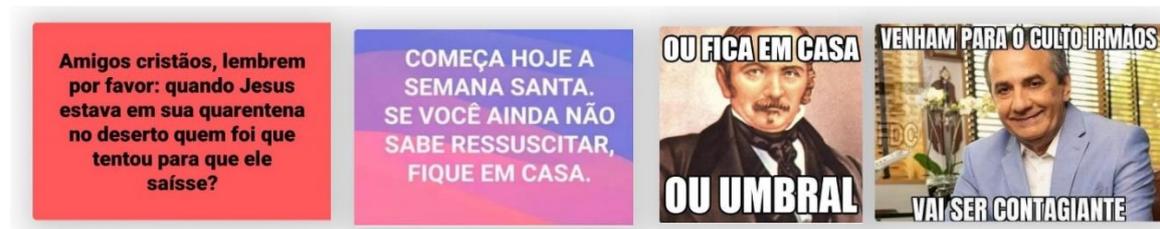


Figura 2. Memes que circularam nas redes monitoradas. Fonte: Facebook e WhatsApp (2020).

Não apenas as celebrações da Semana Santa sofreram rearranjos, como toda a sorte de práticas religiosas. Procissões passaram a ser realizadas quase que exclusivamente sob a forma de carreatas; confissões, comunhão e bênção de alimentos foram adaptadas ao sistema *drive-thru*; *lives* multiplicaram-se, inclusive em terreiros e centros espíritas. Estas foram apenas algumas das estratégias utilizadas pelos interlocutores de nossas pesquisas para manter ativas as disposições religiosas, porém em segurança sanitária. Tudo isso nos coloca a questão dos limites e possibilidades de virtualização das religiões. Esta intensa atividade virtual não esgota, porém, todas as possibilidades de vivência religiosa no contexto pandêmico, como veremos a seguir.



Figura 3. Convites para vivência religiosa em modalidade online durante a pandemia. Fonte: Facebook e WhatsApp (2020)

A religião das varandas

Confinada onde mora e realiza sua pesquisa - um complexo de quatro condomínios construídos em um mesmo terreno, totalizando onze blocos com média de 100 apartamentos em cada - Bottino viu surgir diversas atividades religiosas, tanto nas áreas comuns dos prédios, como nas varandas de apartamentos. Como os condomínios possuem áreas de lazer próximas, ela pode acompanhar essas atividades³, o que lhe permitiu etnografar a proliferação de cerimônias, mais e menos formais, e produzir notas para a análise conjunta.

Antes da pandemia, a religião no condomínio restringia-se ao compartilhamento matinal por um morador, católico praticante, que o fazia há quase cinco anos, por Whatsapp. Quando a pandemia passou a ocupar as discussões diárias, rapidamente vídeos registrando orações em janelas ao redor do mundo começaram a circular, gerando intensa movimentação para replicar a ação localmente. O impulso para (re)assumir o espaço de residência como local de conexão com o sagrado, de uma forma não apenas virtual, ganhou, assim, outra feição.

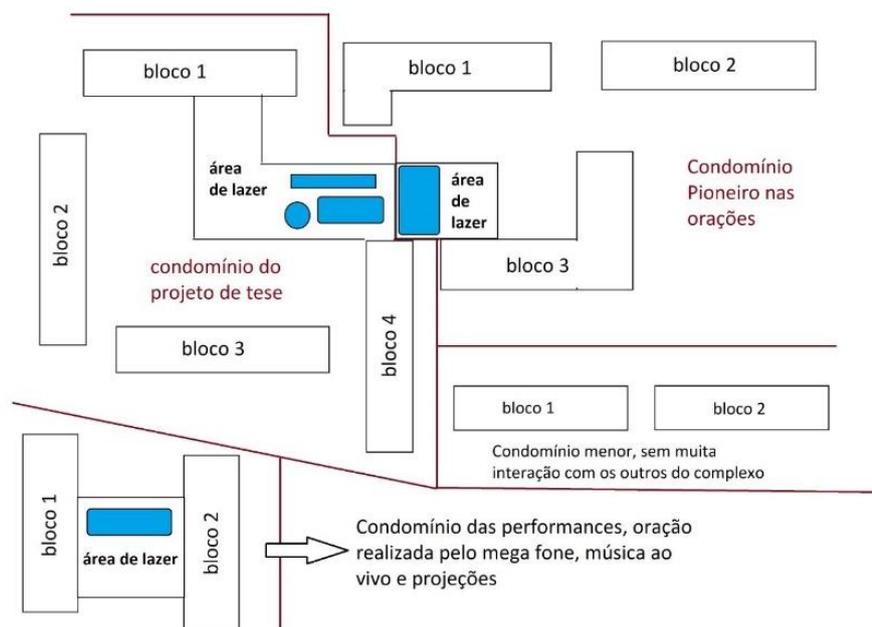


Figura 4. Croqui do condomínio clube. Fonte: Bottino (2020).

Já na primeira semana de quarentena, um dos moradores, do condomínio vizinho, descrito na imagem acima como o pioneiro, passou a reproduzir músicas gospel em alto volume, utilizando-se de caixas de som posicionadas em sua varanda. O ato passou a se repetir diariamente, sempre no mesmo horário. Um morador de outro condomínio passou a descer à área de lazer para, com um megafone, proferir palavras de conforto e puxar, em

³Além disso, a pesquisadora possui uma rede de interlocutores em outros prédios, facultando-lhe acesso a informações indiretas.

seguida, a oração do Pai Nosso. Suas iniciativas estimularam a convocação - por WhatsApp - para uma "campanha de oração", momento diário em que todos suspenderiam seus afazeres para rezar coletivamente:

[...] Independente de sua crença e religião vamos todos orar um Pai nosso na janela de suas casas: pode ser em voz alta ou não. O mundo inteiro está sofrendo. Hoje não existe o eu. Repasse para todos os grupos e redes sociais onde tem pessoas que você ame. Se um tocar o outro o mundo inteiro estará unido nesta vibração de paz e energia positiva. Podem ligar a lanterna de seus celulares para que sua luz ilumine o próximo. Queremos que esta mensagem se espalhe pelo mundo. REPASSE AGORA NÃO ESPERE (Mensagem reencaminhada por Interlocutora do condomínio vizinho)

Mesmo recebendo críticas, o momento de "oração nas varandas" iniciou-se em um dos condomínios e foi reproduzido em outros dois, rotinizando-se nas primeiras semanas, às 12:00h, 18:00h e 21:00h, com cada condomínio assumindo a responsabilidade por organizar um horário. O sucesso resultou em convites por e-flyers e uma sessão foi gravada e divulgada no YouTube, rendendo elogios. Porém, dadas as circunstâncias impostas pela redução de mobilidade e a intensificação das atividades laborais nas residências, reclamações quanto ao barulho do evento levaram a regulações maiores no condomínio pioneiro e à extinção do ato, em outro.

A chamada à oração supunha que "hoje não existe o eu" e que o Pai Nosso contemplaria a todos "independente da religião", o que não encontrou sustentação. As atividades de oração nunca foram unânimes e sofreram regulações para garantir que os atos "não ferissem a liberdade de credo e não configurassem importunação". Medidas administrativas como inscrição prévia do morador, limitação de som a horários e dias pré-determinados, controle da duração e ênfase de que todos os moradores poderiam promover orações, independente da religião - "As músicas e orações (evangélicas, católicas, espíritas, etc.) serão reproduzidas de acordo com a ordem do cadastro" -, bem como as sanções de notificação e multa aos que não cumprissem as regras foram adotadas para mediar os diversos interesses e posições em jogo.

Até o final de maio, o momento de oração do primeiro condomínio se manteve às 18h, tendo como programação a reza de uma Ave Maria, seguida por louvores (um evangélico, depois um católico) e um Pai Nosso, finalizando com uma "mensagem de Pedro Bial com reza do padroeiro Sebastião". Outro condomínio realizava a sua às 21h, abrindo e fechando o ato com a gravação do Pai Nosso, cantado pelo Pe. Marcelo Rossi, combinado a outras orações intermediárias, que costumavam variar.

Nesses momentos, as luzes da área comum costumam ser apagadas e os moradores, em suas varandas, ligam as lanternas dos celulares, balançando ao ritmo da música, permitindo

que as dimensões performáticas e o envolvimento participativo se ampliem. Além de rezas, faladas ou cantadas, em dois dias consecutivos ocorreu a projeção de imagens religiosas. Já houve também um momento de oração com música ao vivo, tocada em teclado por um morador desde sua varanda, de onde cantou louvores e depois alternou para a música gravada. É comum ainda que os aniversariantes do dia comemorem a data assim que acaba a oração, ao som de parabéns.

O que os casos da multiplicação de atividades em torno do religioso no condomínio deixam ver é que "isolamento social" é uma forma equivocada de classificar o momento pelo qual passamos; graças à tecnologia e a outros recursos, o isolamento físico, necessário para evitar a propagação do vírus, não implica na total evitação da socialidade. Novas formas são produzidas. Evidencia também que a tecnologia que media as relações não se reduz à Internet, pois alto-falantes, aparelhos de som, projetores e outros equipamentos permitem que outras modalidades de estabelecer ou ativar relações religiosas aconteçam (MEYER, 2017).

Considerações finais

Ao compartilharmos alguns experimentos etnográficos sobre as formas de mobilização da religião em tempos de COVID-19, buscamos explorar o material que obtivemos durante o período, a fim de desenvolver uma atitude reflexiva não apenas sobre as possibilidades de dar continuidade a pesquisas num contexto limite, mas de explorar suas dimensões reveladoras, enquanto um imponderável da vida real. Contexto que, ao interpelar os grupos com os quais pesquisamos, produziu reações e modulações em seus modos de existência, o que só foi possível de se perceber por haver relações anteriormente estabelecidas, mantidas durante a experiência de confinamento, bem como pela proposta de fazer com que nossos experimentos iluminem-se mutuamente.

Observando os nossos campos de pesquisa (mas arriscamos dizer que não somente eles), podemos afirmar que a religião, sempre presente nas discussões on-line, foi ganhando mais espaço paralelamente às notícias sobre a crise sanitária. No momento em que o isolamento físico foi instituído, ela definitivamente ganhou maior projeção, modulando formas de contato social e ajudando a compor o que foi sendo definido enquanto "novo normal" - guardadas as especificidades dos modos de organização dos diferentes repertórios religiosos, bem como as frequências e intensidades de sua mobilização nos discursos sobre a pandemia e na rotinização do isolamento.

Além de fornecer imagens e metáforas para as advertências quanto aos potenciais riscos à saúde causadas pela COVID-19, a linguagem religiosa também tem sido frequentemente mobilizada a favor da organização da experiência coletiva de quarentena, regulando horários, ativando redes de solidariedade, evocando lembranças sobre as comunidades de fé, criando licenças para escapar da rigidez do isolamento e buscando estabelecer uma ética em nome do bem comum. As janelas/varandas, como espaços limites para uma aproximação social segura, tornaram-se altar, púlpito, templo, garantindo a

continuidade de performances religiosas. Nossos experimentos centrados na observação dos fluxos entre as experiências on-line e off-line nos convidam a refletir sobre a vitalidade dos rituais em tempos de pandemia.

A partir de julho de 2020 o envio de mensagens e as atividades das varandas arrefeceu - algo que encontra eco com a flexibilização do confinamento em várias regiões do país, mesmo que sem a concordância integral dos epidemiologistas. A adoção de medidas institucionais para manter ativa a agenda religiosa por vias digitais, responsável pela ampliação de um movimento que já envolvia parte do corpo clerical e mobilizava parcela dos fiéis, segue, no entanto, vigente em muitos contextos religiosos e vem ganhando novos desdobramentos. Isso demonstra uma dimensão de criatividade ritual, bem como ilustra variadas acomodações que as pessoas estão fazendo para manter o que produz sentido.

Referências Bibliográficas

- GEERTZ, Clifford. (2001). O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 140-165
- HINE, Christine. (2004). *Etnografia Virtual*. Barcelona: UOC.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1998). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.
- MENEZES, Renata de Castro; SANTOS, Lívia Reis. (2020). “Religião e Covid-19: notas sobre Cristianismos”. *Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus*, n. 62, 15/06/2020. Disponível em: <https://cutt.ly/afA6gmG>. Acesso em: 31jul 2020.
- MEYER, Birgit. (2017). “Mediação e imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio”. *Campos - Revista de Antropologia Social*, v.16, n. 2. Curitiba, p. 45–64.
- MILLER, Daniel. “A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna. Entrevista a Mônica Machado”. *Revista Z Cultural*, v.1, n.1, 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/Rdlb2RI> . Acesso em 02 ago 2020.
- MILLER, Daniel. (2020). “Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social.” *Daniel Miller*. 03/05/2020. 20’13”. Disponível em: <https://youtu.be/NSiTrYB-0so> Consultado em: 23 mai 2020.
- ORSI, Robert. (2002). “Introduction to the third edition: history, real presence, and the refusal to be purified”. In: *The Madonna of 115th Street*. 3a. Ed. New Haven/London: Yale University Press. p.ix-xxvi.
- PIETTE, Albert. (1999). *La religion de près. L'activité religieuse en train de se faire*. Paris: Métailié.

sobre as autoras

Caroline Martins de Melo Bottino

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, com bolsa Capes. Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas/ RJ. Professora convidada na pós-

graduação em turismo cultural do Instituto dos Pretos Novos e mediadora à distância na licenciatura em turismo do Consórcio CECIERJ/CEDERJ.

Eva L. Scheliga

Professora adjunta do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, com Doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2011). Pós-doutoranda no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 2019-2020, vinculada ao Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado – Ludens / MN

Renata de Castro Menezes

Professora associada do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Doutorado em Antropologia Social pela mesma instituição. Pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado Faperj. É Coordenadora do Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado – Ludens /MN.

Recebido em 31/05/2020

Aceito para publicação em 16/08/20200